

Quem aguenta viver com esse salário?



Nas feiras livres, os preços cada vez mais altos.

Salário mínimo aumenta e as mercadorias sobem mais ainda — Inflação e custo de vida comem o salário do trabalhador — Cada vez, é preciso trabalhar um maior número de horas para comprar a mesma quantidade de coisas — Salários de todo um mês para pagar seis quilos de carne — E ainda tem aluguel, condução, remédios, roupas — O povo já percebeu que pechinchar não adianta — O dono do boteco ou de barraca de feira também sofre com a alta do custo de vida — O negócio agora é se organizar e reivindicar melhores condições de vida — Aumento de salários tem que vir acompanhado de congelamento de preços — Populações de bairros já lutam contra o custo de vida.

página 3.

O REPÓRTER

de GUARULHOS

O jornal da cidade

ANO II, nº 4 — Maio de 1978 Preço: Cr\$ 2,00

Os sindicatos guarulhenses debatem as lutas do ABC

Pág. 6

Guarulhos, cidade rica com bairros abandonados exige uma explicação

Pág. 4 e 5

Pág. 2



Até Quando?

No futebol, a Liga abre o jogo todo

Falta campo, apoio financeiro, falta tudo. Até o sonho de ter clube na 3ª Divisão é problema. Mas o presidente da Liga garante que a entidade continuará lutando e não morrerá. Tudo isto na pág. 8.



Com os palhaços, a alegria do circo.

Artistas falam do circo; jovens falam de cultura

Como divertir-se em Guarulhos se as opções que existem são tão poucas? Diversão não é o principal problema da

população, é um problema a mais. O circo é uma das opções de divertimento, principalmente para quem mora nos bairros mais afastados.

As preocupações dos participantes da Casa de Cultura. Um esforço para defender a cultura popular.

Pág. 7.

Muita luta até o trabalhador ter o seu dia

O 1º de Maio, Dia Universal dos Trabalhadores, é a data que faz lembrar a luta de vários anos de todos os trabalhadores do mundo em favor de melhores condições de vida, por melhores salários, melhores condições de trabalho e maior participação nas decisões políticas de seus países.

A data 1º de Maio foi escolhida como o Dia Universal dos Trabalhadores porque foi nesse dia, em 1886 que cerca de 110 mil trabalhadores, em Chicago, nos Estados Unidos, entraram em greve para protestar contra o fato de as mulheres serem obrigadas a trabalhar nas indústrias até cerca de 14 horas por dia, e de só receberem licença para dar à luz, algumas horas antes do parto. Foi também em protesto contra o emprego e exploração da mão-de-obra das crianças. Além disso, os grevistas dos Estados Unidos exigiam ainda a redução da jornada de trabalho para oito horas.

Quatro dias após o início da greve, os trabalhadores de Chicago organizaram um grande

comício, quando quatro líderes dos grevistas falaram à multidão, mostrando principalmente que a greve é a principal arma da classe trabalhadora para exigir melhores condições de vida. Nesse mesmo dia, uma poderosa bomba explodiu entre um grupo de policiais que foram destacados para impedir que os grevistas ocupassem algumas indústrias de Chicago, matando seis deles e ferindo outros 66. Como consequência das mortes dos policiais, foram detidos oito líderes dos grevistas, sendo que quatro deles foram enforcados e um outro suicidou-se na prisão. Os outros três, condenados à prisão perpétua, foram indultados sete anos mais tarde, quando ficou provado que os trabalhadores grevistas não tinham responsabilidade alguma com o atentado contra os policiais.

Dessa forma, o 1º de Maio, data do início da greve em Chicago, foi adotada três anos mais tarde, em 1889, por uma organização que reunia todos os trabalhadores do mundo, e que tinha sede em Londres, como o Dia Universal dos Trabalhadores.

Câmara não é lugar de discutir namoro

Depois de muita história e até de um arrancho entre um político e um padre, Guarulhos ficou livre de ser chamada de «cidade drive-in». Afinal, a Câmara aceitou o veto do prefeito ao projeto do suplente de vereador Roberto Antonio Ribeiro.

É preferível não discutir se o projeto era ou não imoral, se Guarulhos iria ou não virar «drive-in» (não iria, mas isso é outra história). A questão é: com tanto problema na cidade, com tanta coisa importante para ser resolvida, com tanto guarulhense vivendo nas piores condições imaginá-

veis (ver as páginas 4 e 5), para que tamanho barulho por causa de meia dúzia de casais de namorados, que podem se dar ao luxo de namorar dentro do carro?

Melhor fariam nossos vereadores se ocupassem as sessões da Câmara buscando soluções para a falta crônica de água, a insuficiência cada vez maior da rede de esgotos, a inexistência de luz em enormes áreas de Guarulhos, as condições de trabalho nas fábricas, as dificuldades do povo que não tem carro para chegar em casa ou ao trabalho por causa da péssima situação dos transportes.



Depois de esperar muito tempo, a viagem apertada.

Guarulhense cansa na fila do ônibus

Pegar condução em Guarulhos para ir de um bairro a outro ou daqui para São Paulo é um drama que todo mundo está cansado de conhecer já há muito tempo. E a cidade continua crescendo em ritmo acelerado, mas a situação dos transportes não mudou nada: duas empresas, que são de um mesmo dono, continuam monopolizando esse serviço essencial, sem se preocuparem com as necessidades da população.

A única tentativa de se melhorar a falta de ônibus na cidade foi a introdução da empresa Poá, com uma única linha, que nem de longe contri-

buiu para diminuir o sofrimento dos guarulhenses que dependem dos ônibus para seu transporte, isto é, a esmagadora maioria dos 500 mil habitantes de Guarulhos.

E melhorar a situação dos transportes não seria difícil, como explicou a «O REPÓRTER», em janeiro do ano passado, o prefeito Néfi Talles: «Para se instalar água e esgotos, é preciso dinheiro, mas para melhorar o serviço de transportes não há necessidade de nenhuma verba. É só instalar outras linhas, trazendo para cá novas empresas. O problema

dos transportes já poderia ter sido resolvido, há muito tempo, em Guarulhos.»

«O povo não vai ficar sem condução — reafirmava o prefeito em sua entrevista a «O REPÓRTER». Repito: se a empresa não tem condições para atender à população, procura-se outras empresas.»

Mas, passado mais de um ano, a situação dos transportes continua a mesmíssima coisa: ônibus velhos, em número pequeno para atender a uma população cada vez maior.

E, no entanto, não será por falta de dinheiro que a Empresa de Ônibus

Guarulhos e a «Vila Galvão» não melhoraram seus serviços, pois em dezembro a Câmara aprovou um projeto que o prefeito sancionou, pelo qual o Imposto Sobre Serviços (ZISS) foi reduzido de 5 por cento para 1,5 por cento. Isso significa que elas deixarão de pagar à Prefeitura 12 milhões de cruzeiros. Na votação do projeto, afirmou-se que a redução do ISS permitiria às empresas diminuírem seus custos e, conseqüentemente, o preço das passagens. Mas o preço continua o mesmo e o povo ainda pergunta: onde estão os ônibus que a cidade espera?

AOS TRABALHADORES

Dia dedicado aos trabalhadores de todo o mundo. Dia que a cada ano se esconde atrás do esquecimento da massa jovem trabalhadora, por desconhecer seu significado. Significado este que marcou a história dos trabalhadores mundiais. Devemos lembrar a todos os trabalhadores brasileiros que em 1886, em Chicago, os trabalhadores empunhavam a bandeira da liberdade e em defesa das oito horas normais de trabalho. E conseguiram a glória através do sacrifício de milhares de trabalhadores. Hoje, principalmente no Brasil, não se respeita o que foi conseguido com luta e com sacrifício. Pois muitos trabalhadores brasileiros trabalham até jornada e meia de trabalho. Não por desrespeito à data, não por

rebeldia, mas por necessidade, por causa de seu baixo poder aquisitivo, são obrigados a trabalhar além da sua capacidade normal para garantir o sustento de sua família, deixando os ricos cada vez mais ricos.

Portanto, esperamos que os trabalhadores voltem a pensar em empunhar novamente a bandeira da liberdade, reivindicando os seus mais legítimos direitos; como receber o suficiente para seu sustento e de sua família, trabalhando oito horas por dia, unidos em seus sindicatos porque somente através dele se tornam legítimas as suas reivindicações.

João Pedro,
Pres. do Sind. da Ind. Química e Farmacêutica.

EXPEDIENTE
O Repórter de
Guarulhos
Editora
Cabuçu Ltda
Redação
R. Luiz Faccini,
597 s 23
Diretor Responsável
Névio Roberto
Gomes
MTPS 9854 —
SJPEP 4143
Composição e
Impressão
Diários Associados
R. 7 de Abril,
230
São Paulo

O novo salário mínimo já está em vigor. Mas, a situação do trabalhador é a mesma. Salário vale cada vez menos.

A triste realidade do salário

Sem festas, sem grande alarde, o novo salário mínimo foi anunciado. Mas, houve uma época, não muito longe, que o aumento do salário mínimo era anunciado pelo próprio presidente da República, geralmente num encontro com trabalhadores. Isso aconteceu durante todo o governo Médici. Por que mudou agora? É que está cada vez mais difícil convencer os trabalhadores que um aumento de 30 ou 40 por cento possa resolver os problemas de aluguel, de alimentação, remédios, roupas etc. Diante disso, o Governo prefere uma cerimônia mais discreta, deixando ao ministro do Trabalho a tarefa de anunciar o aumento de salário.

Nos anos do chamado «milagre brasileiro», mais de uma vez os trabalhadores foram obrigados a engolir demonstrações absurdas sobre o poder de compra do seu minguado salário. Em 1968, por exemplo, o então ministro do Trabalho Jarbas Passarinho dizia que o salário mínimo dava para todas as despesas e ainda «sobrava um pouco para gastos eventuais». Ele queria dizer que sobrava para o cinema, para passeios, para diversão. Hoje é muito difícil encontrar alguém com a mesma «cara de pau». Ninguém tem coragem de sair por aí defendendo os atuais O salário real

A maneira de anunciar o aumento de salário

mínimo mudou, mas a situação dos trabalhadores não modificou nada. Em primeiro, porque a inflação continua comendo os salários, tirando o seu poder de compra; segundo, porque o aumento do salário é quase sempre menor que a alta de custo de vida. Para se ter uma idéia de como funciona a política salarial em vigor, basta examinar alguns dados fornecidos pelo DIEESE — Departamento Inter-sindical de Estatística e Estudos Socio-Econômicos.

Antes do aumento que acaba de ser anunciado, o salário mínimo no Estado de São Paulo era de Cr\$ 1.106,40. Mas, nos últimos meses, janeiro e fevereiro, ele já não valia isso. A inflação tinha diminuído o valor desse salário em 4,37%. Portanto, já não era mais possível comprar o mesmo número de mercadorias que se comprava há um ano quando o salário foi decretado. O valor dele, em fevereiro deste ano, era apenas de Cr\$ 916,00. Isso significa que qualquer pessoa que ganha salário mínimo é obrigada a trabalhar um maior número de horas para comprar a mesma quantidade de coisas que podia comprar um ano atrás. Por exemplo: em fevereiro do ano passado, para comprar um quilo de carne que custava Cr\$ 25,47, o trabalhador precisava de 7 horas e 57 minutos de trabalho.



Os preços dos alimentos não param de subir. O salário não acompanha essa alta.

Hoje, para comprar o mesmo quilo de carne, ele precisa do dinheiro correspondente a 8 horas e 12 minutos de trabalho. Se alguém que vive de salário mínimo quiser comprar seis quilos de carne, aí a coisa engrossa de vez: ele vai precisar de 49 horas e 10 minutos de trabalho. Vai ter que trabalhar o mês todo só para pagar a carne. Essa

é diferença que os técnicos chamam de salário nominal e salário real. O salário mínimo, antes de ser aumentado, estava fixado em 1.106,40 (salário nominal), mas, na verdade, só valia Cr\$ 916,02 (salário real). Como resolver?

Quem vive de salário mínimo já percebe que só aumentar o salário não resolve nada. Os alimen-

tos, o aluguel, a condução também sobem e numa proporção maior. Só nos dois primeiros meses deste ano, o custo de vida já subiu 8,63%. E os maiores aumentos foram verificados em dois setores que ninguém pode abrir mão: alimentos (5,65%) e transportes (6,27%). Se todos os aumentos forem somados, pode-se verificar que o novo salário mínimo já

está superado ou quase superado. Mas, mesmo que a elevação do salário fosse de cem por cento, a situação não estaria resolvida. O melhor seria que, junto com o aumento do salário mínimo, fosse adotado o chamado «salário indireto»: congelamento dos preços dos alimentos, aluguel dos baratos, melhor assistência médica, remédios de graça etc.

Uma campanha que não deu certo

Há algum tempo atrás, apareceram alguns comerciais na televisão que insistiam para que todos participassem da Campanha de Pechincha. Segundo a propaganda, pechinchar nas feiras, por exemplo, seria uma maneira de combater a inflação e o aumento do custo de vida. Na feira livre da Av. Paulo Faccini, os feirantes não concordam muito com isso. E o motivo, como fazem questão de dizer é que eles não «mandam» no preço das mercadorias. É preciso ver o preço na fonte, dizem, pois se lá no Ceasa o feirante compra a mercadoria mais cara, ele tem que vendê-la mais cara, senão leva prejuízo. Por outro lado, quando o preço no Ceasa é mais baixo, também é mais baixo na feira.

Alem disso, os feirantes têm

outros problemas. Algumas vezes, eles sofrem prejuízo por receberem a mercadoria estragada. Isso acontece porque não podem escolher a mercadoria que compram, pois esta já vem encaixotada. Outras vezes, mesmo escolhendo a mercadoria, eles acabam recebendo outra de pior qualidade, porque a mercadoria escolhida é trocada. Outra reclamação dos feirantes é o imposto cobrado pela Prefeitura, que toda hora está aumentando. E quanto à história da pechincha, os feirantes acham que não adianta pechinchar porque as mercadorias têm um preço mínimo, que eles não podem diminuir. Seu Alberto, dono de barraca de legumes, diz que «se o freguês começa a pechinchar muito, a gente fala pra ele ir pechinchar lá com o governo, pra ver se aumenta o salário».

O movimento que pode resolver

Um grande número de donas de casa e de trabalhadores acha que para resolver o problema do custo de vida, é preciso muita luta. Nesse sentido, eles estão participando do Movimento do Custo de Vida, cujo objetivo é lutar contra a carestia. No dia 12 de março, no Colégio Arquidiocesano em S. Paulo, o Movimento do Custo de Vida promoveu uma assembléia que reuniu mais de 6 mil pessoas, na qual foi lançado um abaixo-assinado contra o custo de vida. Esse abaixo-assinado, que vai ser entregue ao Presidente da República, reivindica: o congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade, aumento dos salários acima do aumento do custo de vida, e abono salarial imediato de 20% para todas categorias de trabalhadores.

O Movimento do Custo de Vida começou em 1973, por iniciativa dos Clubes de Mães da zona sul. A partir daí o Movimento vem se ampliando, e hoje conta com a participação de mais de 60 bairros da Grande S. Paulo, Clubes de Mães, Frente Nacional do Trabalho, diretórios do MDB, entidades estudantis e Pastoral Operária. Segundo a Comissão Coordenadora, que foi eleita em 77, o movimento vem promovendo assembléias regionais para divulgar e ampliar a coleta de assinaturas, que já somam mais de 200 mil.

Guarulhos ainda não participa do movimento, mas isso pode acontecer, no momento em que os interessados comecem a se organizar e entrem em contato com a Coordenação.

Alô! Alô! Seu prefeito

Guarulhos não muda...



Falta água...

Há mais ou menos seis meses foi feito um pedido de cascalhamento das ruas principais, pois quando chove o bairro fica praticamente interditado em virtude do barro, e até agora a prefeitura não tomou conhecimento.

A falta de condução é tão grave quanto a falta de água. Há um ano atrás o ônibus demorou mais de duas horas. O povo reclamou e o motorista ameaçou não levar ninguém. Começou um quebra quebra e foram parar todos na delegacia. Depois disso, em uma reunião dos moradores, foi feito um abaixo assinado com 1.500 assinaturas reivindicando mais ônibus. Até o momento não receberam nenhuma satisfação. Será que o Jardim Palmira está definitivamente esquecido?

O bairro padrão. De má qualidade

O Jardim Palmira pode ser considerado um bairro padrão de Guarulhos. Existindo há mais de cinco anos, abriga cerca de 3 mil moradores em precárias condições. Não tem luz, água encanada, esgoto, coleta de lixo, condução e policiamento. Em compensação sobra lama e pó.

O problema mais sentido é o da falta de água encanada. Mais de metade do bairro não tem rede de água e também não tem condições de perfurar um poço porque é caro. Nessa parte do bairro onde não tem água de nenhuma espécie passa carro tanque da prefeitura de 15 em 15 dias. É evidente que ninguém tem depósitos suficientes para armazenar toda a água necessária para 15 dias, e é aí que aparecem os especuladores vendendo água a 15 cruzeiros o tambor.

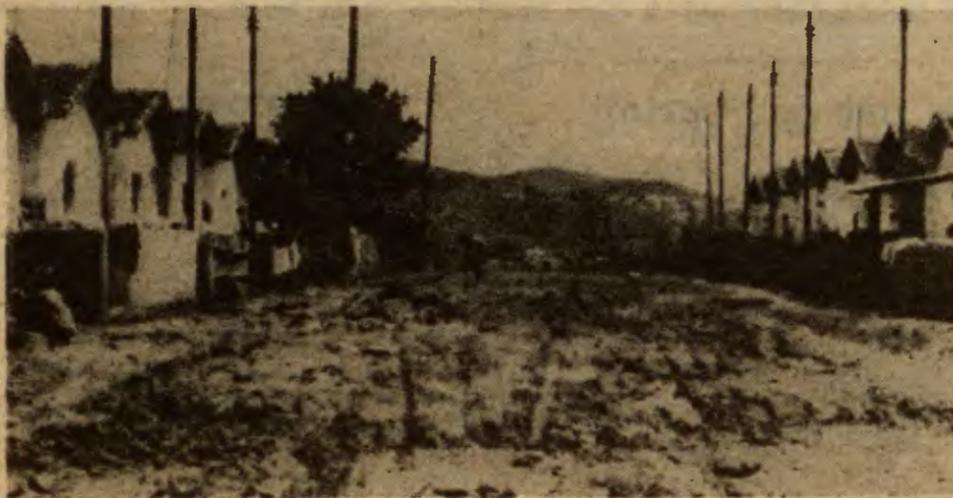
O bairro não tem esgoto e a maior parte dele também não tem fossas, pela mesma razão que não tem poços. Isso quer dizer que as ruas não têm apenas barro, têm outras coisas também. Têm, por exemplo, uma escada pública que virou uma cascata de esgoto.

O loteamento, de responsabilidade da Continental, foi tão mal feito, que as águas estão erodindo uma enorme aterro. A erosão já formou enorme buraco de cerca de 200 metros de comprimento por 15 de profundidade. Isso provocou o desabamento de algumas casas e o desaparecimento de ruas. Duas crianças já quebraram o braço ao cair no buraco.

Se bobear, a enxurrada leva

Entre São João e Lavras, centenas de famílias estão esperando, cerca de 4 anos, guias nas calçadas, luz nas ruas e outros melhoramentos prometidos pelos donos dos loteamentos. Belas promessas antes da venda! Mas hoje a realidade são imensas valetas onde cabem até casas. Quando chove é um «Deus nos ajuda». O morador de Santa Terezinha que se descuidar vai terminar no GPM (bairro que fica logo abaixo) levado pelas violentas águas que descem a encosta.

A condução é uma luta diária: ônibus de hora em hora, quando tem dois ônibus velhos servindo mais ou menos três mil pessoas. E só até Guarulhos. Os que trabalham em São Paulo demoram até duas horas para chegar no meio do caminho. As autoridades municipais serão muito bem recebidas em GPM, Girassol e Santa Terezinha, se vierem com obras e não com promessas. Pois apesar de os problemas serem tantos, o número de promessas até hoje foi maior.



falta asfalto...

Ocaussu prometeu mas não cumpre

No início do ano passado, «O REPÓRTER» de Guarulhos mostrou como eram agudos os problemas vividos pelos moradores do Jardim Dona Méri. Desde iluminação até condução. Mas, havia uma esperança. A Imobiliária Ocaussu, administradora do loteamento, tinha prometido, em fevereiro de 1977, regularizar em três meses a situação do Jardim no Departamento de Obras da Prefeitura. Isso porque até hoje o bairro, onde moram cerca de 300 famílias, é inscrito como uma gleba rural e a Light alega que não vai colocar luz numa plantação.

Passou um ano. Porém até agora a Ocaussu não acabou com esse absurdo.

Vamos botar mais ônibus na praça?

Na Praça Oito tem asfalto, tem luz, água encanada, tem até jardim. Só falta condução. O único problema é que não mora ninguém nessa praça e a população do bairro só vai até lá para apanhar condução, ou seja, a única coisa que não tem. Da Vila Fátima até ao Taboão tem aproximadamente 20.000 moradores, sem contar os bairros que ficam além da Praça 8 de dezembro, como São Domingos, Belvedere, Jardim D. Meri, Paraíso, e para atender toda essa população há apenas 6 ônibus, ligando o Taboão ao Pque. D. Pedro. Que já saem lotados do ponto inicial.

As demais melhorias que a praça apresenta não existem nos bairros

vizinhos onde de fato mora a população local. Assim os jardins e bairros das imediações continuam esperando luz, água, esgoto, calçamento da prefeitura e se não fosse pedir muito, gostariam também de ter condução.

Chofer de férias, bairro sem ônibus

Um grupo de jovens do bairro Uirapuru (perto de Cumbica) realizou recentemente uma pesquisa sobre os problemas e necessidades do bairro. As principais reivindicações dos moradores foram as seguintes: policiamento, linha de ônibus para São Paulo, mais ônibus na linha UIRAPURU-Guarulhos, tratamento, conservação e iluminação nas ruas, telefone público, coleta de lixo, posto de Saúde.

São cerca de 4 mil pessoas carentes, como se vê, de benefícios elementares da vida urbana. Pedir condução, ruas transitáveis, iluminação, um telefone público pelo menos, não é nenhum luxo. É um direito da população trabalhadora que reside em Uirapuru. População que tem de percorrer até 3 quilômetros para pegar um ônibus à São Paulo na via Dutra. Que sofre constantes assaltos nas ruas escuras, esburacadas, intransitáveis nos dias de chuva.

E essa população reclama da Empresa de ônibus Guarulhos. Já é muito descaso a linha Uirapuru ter só um ônibus, e os moradores ficarem mofando 2 ou 3 horas no ponto. Mas é brincar com a paciência alheia terem suspenso a circulação do ônibus quando o motorista entrou em férias, não?



<p>Terreno no Taboão</p> <p>TERRENO no Taboão no 10x25, 60 mil à vista. 10x28, à vista 25 mil. Tratar Av. Silvestre Pires de Freitas, 119 — Taboão — Guarulhos. Chácara com mil metros, 65 mil à vista. Um telefone: 208-3243.</p>	<p>Produtos do Norte e de Umbanda</p> <p>ARTIGOS DO NORTE, farinha, polvilho, salgadinhos em geral, carne de sol e jabá, pingas do Norte, bolachas do Norte,</p> <p>artigos de Umbanda. Bar e Merceria Princesa do Norte, Rua D. Pedro II, 356.</p>	<p>Avicultura oferece</p> <p>Pássaros, sementes, gaiolas e ornamentos. rações, remédios para animais em geral, artigos de pesca, vasos,</p> <p>Gil Avicultura Ltda, Av. Otávio Braga de Mesquita, 1008, Vila Fátima, Guarulhos.</p>
---	--	---

Esta cidade não tem jeito?

... ainda falta tudo

No Jardim Barbosa falta um campo

Quando os problemas de um lugar não são resolvidos, eles vão se acumulando, uns vão interferindo nos outros e a própria população acaba se desentendendo. É o que está acontecendo no Jardim Barbosa, bem pertinho da Eletro. A falta de um local para a prática de esportes faz com que os jovens fiquem jogando futebol na Praça Júlio Ramos Barbosa, danificando os jardins, o que tem causado a revolta de alguns moradores. Para aumentar o atrito, o «orelhão» que estava instalado na praça foi danificado (como aliás todos os «orelhões») e a culpa acabou caindo sobre os futebolistas. Nada disso teria acontecido se a prefeitura tivesse liberado uma área para campo de futebol e se a Telesp tivesse instalado o telefone público dentro do bar (bem de frente ao «orelhão» danificado) como manda a prudência.

Santa Cecília lutou e conseguiu

Exatamente há um ano este jornal publicou uma reportagem sobre o Jardim Santa Cecília. Na época o bairro não tinha luz, água, as ruas não estavam devidamente traçadas e os moradores já haviam perdido as esperanças de conseguir qualquer tipo de melhoria. A prefeitura não demonstrava nenhum interesse pelo local e os políticos só apareciam em véspera de eleições. Foi nessa mesma época que os moradores reorganizaram a sua Sociedade Amigos do Bairro e passaram a reivindicar as melhorias organizadamente. O desabafo feito por um dos moradores na época («Moro aqui há doze anos e até hoje a luz é emprestada, as ruas não foram traçadas, não tem nenhum ônibus e ainda por cima é depósito de lixo industrial») hoje não se aplica mais. A luz já chegou, a água também.

Apesar disso a luta daqueles moradores ainda não acabou. Agora eles exigem que seja iluminada pelo menos a avenida que dá acesso ao bairro, que seja também asfaltada e que pelo menos uma das linhas de ônibus que servem o Paraventi chegue até lá. É isso aí, é lutando que se conseguem as coisas.

**Anuncie
no
Repórter
de
Guarulhos**



falta esgoto...

Cidade Símbolo? Do quê?

Curva da Morte, uma nova atração

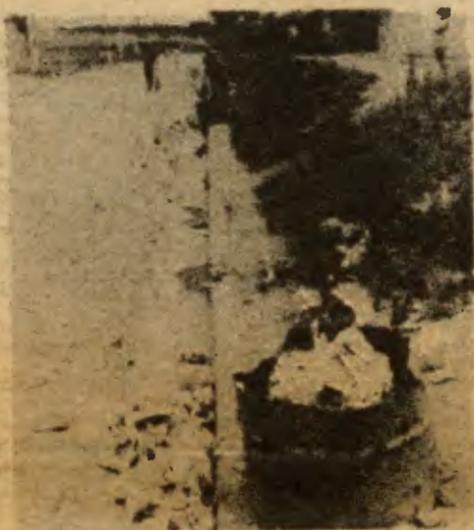
Fica na Av. Tiradentes, logo depois do Pronto Socorro. É uma curva fechada, onde os carros entram em alta velocidade — uns por irresponsabilidade, outros por desconhecimento — e acabam capotando. Como a rua fica acima do nível das casas, o mais frequente é os automóveis voarem sobre as casas, sendo que uma delas já foi reconstruída três vezes. Quando o carro desvia da casa, cai no córrego da Vila Flórida.

Não seria preferível sinalizar o local do que levar feridos ao Pronto Socorro e mortos ao necrotério?

Fica aí a sugestão às autoridades competentes. A não ser que estejam querendo acrescentar mais essa atração turística à Cidade Símbolo.

Macedão continua sem professores

Na Escola Estadual Vereador Antônio de Ré, no Macedo, os alunos são dispensados diariamente por falta de professores. O 1º colegial não tem professor de Geografia e nem de Português. No 2º básico, em certas classes, há apenas um professor para várias matérias. Esta situação permanece desde a inauguração do colégio, há sete anos. A primeira turma de formandos, que sai este ano, está muito descontente e não acredita que o problema da escola possa se resolver rapidamente. A direção da escola atribuiu a ausência de professores a doenças ou licenças médicas, desculpa essa que não é aceita pelos alunos que, quase diariamente, acabam tendo apenas uma, das seis aulas.



e sobra lixo.

Colégio entra de sola nos esportes

A Escola do Bom Clima realizou eleições para Diretoria e Conselho Deliberativo da Associação de Pais e Mestres. No mesmo dia houve também eleições para o Centro Cívico. A primeira resolução da nova diretoria foi a realização de uma competição esportiva na segunda semana de maio, com a finalidade de angariar fundos para a APM. Essa será a primeira das duas grandes competições programadas para este ano.

Esgoto aberto é atração turística

Nos jardins Kawamoto, Santo Eduardo e das Acácias o esgoto a céu aberto torna a vida dos moradores praticamente insuportável. Afóra o cheiro, que não é dos mais agradáveis, os moradores se queixam principalmente pelos problemas de saúde que as fezes expostas acarretam às crianças e também aos adultos. Além do esgoto, os moradores estão reclamando do também guias, sarjetas, e se não for possível asfalto, que a prefeitura torne as ruas pelo menos transitáveis.

O Alto do J. Bela Vista paga e pede

«A gente paga os impostos, todo mundo aqui paga, por que a Prefeitura não faz alguma coisa? «O desabafo sentido mostra que a moradora está inconformada com a situação. E a situação é negra. Além de não ter saneamento básico, transportes, iluminação nem coleta de lixo, os moradores são frequentemente assaltados, correndo inclusive risco de vida. A única condução que serve o bairro fica a um quilometro e meio de distância e o percurso tem que ser feito no escuro porque as ruas não tem iluminação.

A coleta do lixo como única forma de pôr fim ao mau cheiro e à proliferação de ratos, que coloca em risco a saúde dos moradores, é outra das reivindicações mais urgentes:

«O caminhão do lixo não passa por aqui, muita gente queima o lixo, mas outros jogam nos terrenos baldios».

Declarou à nossa reportagem uma moradora, desiludida com a falta de consideração das autoridades.

J. Rosa de França não foi esquecido

Nasceu com o desmatamento e aterro de um vale. O que sobrou do desmatamento, uma estreita faixa, se constituiu no Bosque Rosa de França. Esse bosque até 1973 serviu como área de lazer, mas depois, o abandono total transformou-o num grande depósito de lixo. Em 1978 os moradores do bairro resolveram realizar um domingo de lazer. Solicitaram ao prefeito a limpeza do bosque e conseguiram que fosse limpada uma parte e que fosse iniciada a reconstrução do lago, que o abandono havia transformado num mangue. Finalmente receberam a promessa de que o Bosque Rosa de França vai se tornar «uma verdadeira área de lazer».

A população está aguardando ansiosa, para ver essa área de lazer. Vamos lá, seu prefeito. Não desanime, não.

Nosso abraço especial aos moradores do Jardim Testai, Jardim São Paulo, Jardim Belvedere, Jardim Paraíso e outros. Não deu para sair uma reportagem neste número. No próximo sem falta vocês estarão presentes

Isto lhe interessa Alterações na CLT

Em julho de 1975, por despacho do Presidente da República, foi criada uma Comissão Intermistrial com o objetivo de atualizar a legislação trabalhista. Essa comissão era formada por juristas, representantes do Ministério do Trabalho e da Justiça do Trabalho. Mas, os trabalhadores e seus órgãos de classe não foram chamados para participar desse trabalho.

Um ano depois, a Comissão entregou aos ministros do Trabalho e da Justiça o anteprojeto da nova CLT, com 1.282 artigos. Estranhamente esse anteprojeto tem sido mantido em sigilo. Além disso, o governo só divulga as alterações feitas em capítulos isolados, tornando assim muito difícil a avaliação do impacto da nova CLT nas relações do trabalho. Mas, pelas primeiras modificações divulgadas não se pode esperar melhorias substanciais na situação do trabalhador.

O TRABALHO DO MENOR

A mais recente dessas modificações é a que altera o capítulo IV do título III da CLT, referente ao trabalho do menor. O projeto prevê, em seus artigos 422 e 423 que «quando o trabalho do menor de 16 anos guarda compatibilidade com seu desenvolvimento físico e mental e depende, por sua natureza, apenas de treinamento prático, o respectivo salário poderá ser fixado em 50% do salário mínimo regional». O artigo 423 estende os dispositivos do 422 aos menores de 12 a 14 anos nos casos em que for autorizado o seu trabalho».

Esse projeto do governo que reduz o salário do menor pela metade, representa um retrocesso na legislação trabalhista brasileira e contraria uma série de acordos renovados anualmente na Justiça do Trabalho. Retrocesso tão gritante que foram imediatos os protestos de diversos setores. Sindicatos de trabalhadores, juristas e até mesmo empresários levantaram-se contra o projeto, fazendo com que o governo retardasse seu envio ao Congresso Nacional. Agora, é aguardar para se saber em que condições o projeto vai para o Poder Legislativo.

A LEI DE FÉRIAS

É sempre bom lembrar que as férias, para qualquer categoria profissional, são de trinta dias corridos e não mais de vinte dias úteis. Essa foi a primeira alteração da nova CLT e está em vigor há um ano. Mas, como em todo o processo de alteração da CLT, o capítulo sobre as férias também tem seu lado negativo: o governo legalizou a «venda» de um terço das férias, o que é, sob todos os aspectos, condenável.

Negociar com patrão, pode?

Os metalúrgicos do ABC se recusaram a participar do dissídio coletivo. Os patrões compareceram à Justiça do Trabalho e o dissídio foi decretado à revelia dos trabalhadores. Os trabalhadores fizeram pé firme e os patrões tiveram que sentar na mesa e negociar. Conclusão: prometeram o reajuste salarial trimestral. A negociação direta abre um novo campo de atuação para os sindicatos. Mas sem instrumentos de pressão eficazes, o poder de barganha dos trabalhadores ainda é muito pequeno. O que pensam os sindicatos de Guarulhos? Os presidentes dos três maiores sindicatos da região — Arnaldo da Paixão, dos Metalúrgicos; João Pedro da Silva, dos Químicos e Epifânio Pereira dos Santos, da Construção Civil — foram ouvidos pelo Repórter de Guarulhos.

João Pedro: só com o fim da exceção

O que acha da negociação direta?

Este ano não entraremos em dissídio coletivo porque isso só onera o sindicato. Proporemos a negociação direta. O dissídio meramente formaliza o índice estabelecido pelo Governo. A negociação através da DRT quebra a força do sindicato. Mas a negociação direta só pode existir com o contrato coletivo de trabalho. Só com a revogação de todos os instrumentos que tolhem o sindicalismo será possível a negociação direta.

A atual estrutura dos sindicatos permite a negociação direta?

O trabalhador atualmente não acredita no sindicato, e com razão. O sindicato no Brasil, hoje, é uma sucursal do INPS. Cumprindo funções assistenciais, sem cumprir sua função principal, que é a de reivindicar. Hoje, o dirigente sindical é um pelego do Estado.

Como os sindicatos poderão se tornar independentes do Governo?

Só com a revogação de todos os instrumentos de exceção — AI 5, decreto número 15, etc. — será possível a desvinculação do Ministério do Trabalho. Só assim será possível o restabelecimento do direito de greve.

Epifânio: nós não aceitamos a greve

Que acha da negociação direta?

Não tenho nada contra a negociação direta, desde que as partes estejam de acordo, porque o processo de conciliação hoje já é de negociação direta. Não havendo conciliação passamos para o Judiciário, que achamos indispensável para a resolução dos dissídios coletivos. Mas nós não somos contra a negociação direta, apesar de não termos consultado o Departamento Jurídico e a Federação.

Como vê a possibilidade das empresas aceitarem acordos diretos?

O acordo direto seria bom porque as empresas perdem muito tempo para as convocações de processo da Justiça. Propomos sempre a negociação direta, com muita discussão com as empresas para evitar a perda de tempo.

Quanto à greve como forma de pressão para negociação com as empresas, eu discordo, porque o direito de greve nós já temos. Acredito que um diálogo amigável é melhor para resolver os problemas. Não concordo com a greve. Nós proibimos todos aqueles que venham tentar exercer pressão dessa forma.

Paixão: lei não ajuda negociação

O que acha da negociação direta?

Meu pensamento é o de todos os sindicalistas que pensam em liberdade sindical e negociação direta com os patrões sem qualquer interferência do Governo. Já estamos, na medida do possível, celebrando acordos com empresas de Guarulhos. Estamos também preparando uma documentação, que deverá ser encaminhada ao sr. Cláudio Bardella e esperamos obter resposta favorável, pois ele é um defensor intrasigente da negociação direta. Mas atualmente a Bardella é campeão das reclamações trabalhistas.

Mas atuais estruturas sindicais é possível a negociação direta?

A negociação direta não é favorecida pela atual legislação.

Mas é possível negociá-la à parte, desde que haja boa vontade de ambos os lados. No entanto, a ampla negociação só será possível com os trabalhadores unidos em torno do sindicato. A principal função do sindicato deverá ser reivindicativa e de assistência jurídica, e não apenas assistencialista, como acontece com a maioria dos sindicatos.

EMPREGOS

VAGAS OFERECIDAS PARA FIRMAS DE GUARULHOS E PROXIMIDADES

AFONTADORES DE PRODUÇÃO
AJUSTADORES MECÂNICOS
ELETRICISTAS DE MANUTENÇÃO
FUNILEIROS
FREZADORES
INSPETORES DE QUALIDADE
MECÂNICO DE MANUTENÇÃO
MECÂNICO DE MÁQ. PESADAS
TORNEIRO MECÂNICO
AUX. DE ESCRITÓRIOS

AUX. DE CONTABILIDADE
AUX. DE ALMOXARIFADO
AUX. DE DEPTO. PESSOAL
AUX. DE COBRANÇA
OPERADOR CONTÁBIL.
RECEPCIONISTA
SECRETÁRIA
PORTEIRO E VIGIAS
MOÇAS E SENHORAS
S experiência

DINÂMICA

Rua Capitão Gabriel n.º 376 — Tel. 208 78 82

Vida Sindical

Os sindicatos da região de Guarulhos comunicam aos seus associados que estão abertas as inscrições para o Centro Educativo, Recreativo e Esportivo do Trabalhador. Só trabalhadores sindicalizados podem se filiar.

Comunicam também que se encontra à disposição dos associados favorecidos com bolsas de estudo do P.E.B.E (Plano Especial de Bolsa de Estudo) os cheques referentes à segunda parcela de 1977. O prazo final para a retirada vai até o dia 31/01/78. Os associados que não retirarem seus cheques até

esse dia, ficarão sujeitos ao cancelamento da bolsa.

BORRACHA

O Sindicato dos Trabalhadores em Artefatos de Borracha avisa que já foi instalado o gabinete dentário na sua sub sede de Guarulhos. O atendimento será de segunda a sábado das 16 às 20 h.

O Departamento Jurídico do Sindicato atende seus associados as terça-feiras das 16 às 20 h. TRANSPORTES URBANOS

O Sindicato dos Trabalhadores em Transportes Urbanos presta assistência jurídica aos trabalha-

dores do setor na região de Atibaia, Mairiporã e Bragança Paulista. Semanalmente, há um plantão em sua sub sede com os advogados Filvyo Passeto e José Gaspar Moreira Pontes.

QUÍMICOS

O Sindicato dos Trabalhadores em Indústrias Químicas está em plena campanha pela antecipação salarial. O sindicato está reivindicando junto às empresas do setor uma antecipação de 20%, com efeito retroativo a partir de 1º de abril. Algumas empresas grandes já concederam a antecipação.

Cultura ★ Diversões ★ Cultura ★ Diversões ★ Cultura ★ Diversões ★ Cultura

Televisão, o cinema de vez em quando, um circo quando aparece



Casa de Cultura: levando o teatro para as ruas

Guarulhos. Imaginem um município de cerca de 500 mil habitantes distribuídos por inúmeros bairros, com problemas que vão da falta d'água à falta de diversão. Faltam esgoto, condução, asfalto e luz. Diver-timento, nem se fala.

Isso é fruto do crescimento desordenado que se acelerou com a industrialização e que, apesar de ter enriquecido o município, não trouxe à população trabalhadora, os benefícios a que tem direito.

As atividades culturais são raras e as áreas que a população poderia utilizar para o lazer, estão em completo estado de abandono (o bosque do Jardim Rosa de França e o Parque Renato Maia são apenas dois exemplos do que está acontecendo). O trabalhador de baixa renda tem que

se contentar com um cinema de vez em quando, televisão, um parque de diversões ou um circo, quando aparece.

A situação vinha sendo sentida por pessoas e grupos que organizavam as poucas atividades culturais existentes, em forma de teatro, música e cineclubes. Mas eles estavam encontrando muitas dificuldades. Faltava até mesmo local para as reuniões, o que levou esses grupos a se organizarem melhor, para discutir os problemas.

Nasceu então a Casa de Cultura Paulo Pontes, cujo objetivo é de através de um trabalho coletivo, unir e incentivar pessoas e grupos que se interessem pelo desenvolvimento artístico e cultural, e pela criação de opções de lazer em nossa cidade.

DISCUTINDO A REALIDADE

«O trabalho cultural deve ser uma tentativa de preservar as características básicas de nossa cultura popular, mostrando e discutindo a realidade em que vivemos». Essa é a preocupação principal dos participantes da Casa de Cultura. Para eles, a arte tem que ser algo mais que o simples formalismo estético; tem que ser a expressão e representação dos problemas da sociedade.

Para isso, consideram que há necessidade de um trabalho constante

junto à população. É necessário que as escolas, as associações de bairros, os grupos amadores de teatro e de música, a população em geral unam-se no sentido de criar condições para que as manifestações culturais cresçam, sem no entanto se afastar da realidade, representando os problemas da população com a maior frequência possível, e criando novas e melhores opções de lazer para o trabalhador.

Criar, preservar, desenvolver e manter viva a autêntica altura popular só é possível com a participação de todos.

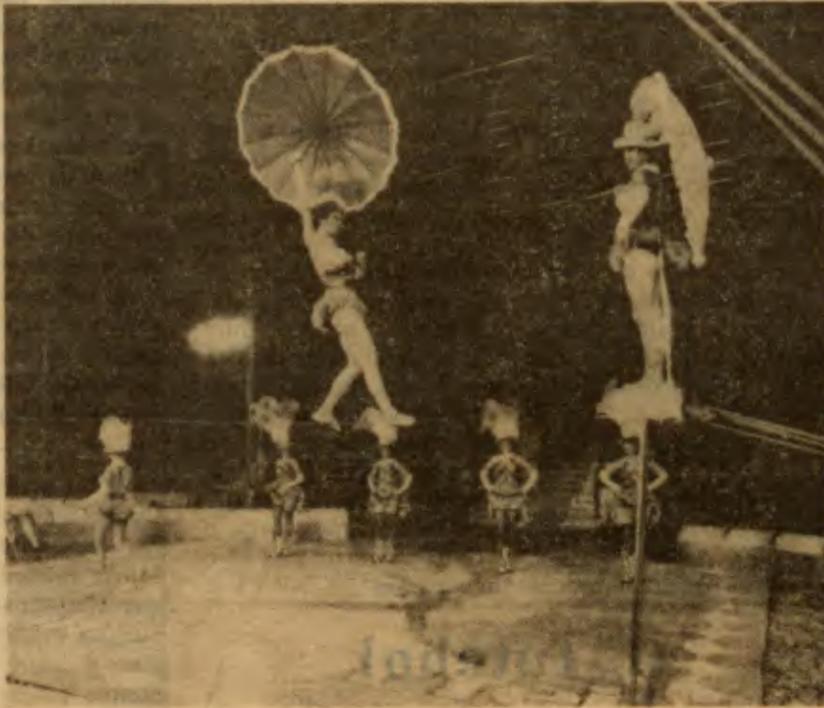
Linguíça comanda a festa no circo do Jardim Leda

«Senhoras e senhores, distinto público, boa noite. Vai começar o espetáculo», anuncia Valmir. Tem vinte anos, nasceu no circo e é trapezista como seu pai, que é também o palhaço mais velho. Sua mãe trabalha em drama e comédia. A família toda ganha Cr\$ 3 mil por semana, no Gran Circo Real Richards que está no Jardim Leda. Seo Gentil, dono do circo, falou ao «O REPÓRTER» sobre a vida de lá.

«Aqui somos uma grande família. Todos ajudam nos trabalhos de armação e conservação cuidando da segurança dos espectadores. Tenho muitos gastos mas o dinheiro arrecadado dá para cobrir as despesas e pagar os artistas». Aliás, quanto ao sistema de trabalho e de pagamento, o circo tem uma organização diferente: lá se ganha por família. Quanto maior for a família, maior o pagamento. Mas todo mundo que mora nos bairros vai ao circo, uma das mais antigas formas de diversão.

É O PALHAÇO QUEM É?

O palhaço é Linguíça. Linguíça, o circo está morrendo? Não, diz ele, «enquanto existir criança, o circo não morrerá». É um sujeito feliz. Diz que «ama a vida que leva e leva a vida que ama». Respeita o público, «gente sofrida como eu», que vai ao circo por



Muitas emoções na corda bamba.

não ter dinheiro para ir a cinema, teatro, coisas muito caras para seus bolsos. É completa: «se eu estiver no picadeiro e chegar a notícia que minha mãe morreu, eu continuo o espetáculo. As lágrimas descem por baixo da pintura do meu rosto. Minha vida lá fora não interessa, não posso parar pois respeito o povo, o meu público». Assim é a vida no circo. Assim é

Linguíça, um palhaço de circo, trabalhador anônimo que alegra outros trabalhadores anônimos.

Os que vão ao circo declaram: «Venho ao circo porque é perto, apesar de ser caro. Para as pessoas que ganham salário, não dá para vir sempre, só de vez em quando».

É a vida do trabalhador que vai ao circo.

Informando

O sr. Alvaro Mesquita é um apaixonado pela nossa música popular tradicional: chorinho, valsas, sambas etc. Por isso resolveu organizar uma associação sem fins lucrativos, que congregará todos os interessados no assunto, principalmente instrumentistas, solistas de cavaquinho, violão, bandolim, sanfona para tocar em shows beneficentes, festas e comemorações, com o intuito de preservar uma tradição que aos poucos vai morrendo em nosso País: a dos conjuntos regionais. As pessoas ou conjuntos amadores interessados devem procurar o sr. Alvaro Mesquita, na rua D. Pedro II, 61 — telefone: 209-0011.

Para encontrar uma solução urgente para as escolas de Samba em Guarulhos, no sentido de unificá-las, conseguir maiores verbas da prefeitura e divulgá-las nos bairros durante todo o ano, foi realizada uma reunião onde foi proposta a criação de uma Associação de Escolas de Samba. A presidência da diretoria executiva ficou com a Dra. Suzana e o Conselho Deliberativo foi formado com representantes de todas as Escolas. Surgiram divergências porque alguns acharam que a idéia deveria ser mais divulgada entre as escolas de samba para que se pudesse tirar uma posição mais representativa. Os interessados devem procurar informações junto às suas escolas. É preciso debater.

AGORA NA AV. OTÁVIO BRAGA DE MESQUITA
Licenciamento de Veículos
Plastificação
Advocacia

ORGANIZAÇÃO COMERCIAL
REYNALDO

Av. Otávio Braga de Mesquita, 1302 A - Tel.
208-2952
Vila Barros - Guarulhos

COLUNÃO

Aqui, os bastidores

Ter time disputando o campeonato da Federação Paulista de Futebol é o grande sonho dos torcedores de Guarulhos. E este ano, a cidade poderá estar representada no Campeonato da 3ª Divisão de Profissionais. Vai o Macedo ou o Golfinho. Talvez até os dois clubes passem à 3ª Divisão. O problema ainda está sendo discutido.

Para a Liga Guarulhense, no entanto, a falta de campos de futebol poderá se tornar maior ainda, pois as principais praças de esportes terão de ficar à disposição desses clubes para os jogos da importante competição. Em contrapartida, os campeonatos locais da Liga quase não terão onde ser realizados. Isto posto, a concretização do sonho — ter time na 3ª Divisão — poderá se converter num tremendo pesadelo.

Entusiasmo mesmo é o que a gente pode observar (e até sentir) num contato com os garotos do Parque Cecap. Todos eles, com média de idade entre 11 e 14 anos, estão vibrando e se dedicando aos treinamentos orientados pelo preparador físico Paulo Brito, responsável pelo time «dente de leite» daquele Parque.

Apesar de ainda jovens, os meninos encaram a preparação do time com muita responsabilidade e não perderam nenhum dos 17 jogos que disputaram contra adversários de bairros de São Paulo.

Recentemente, o vice-prefeito de Guarulhos esteve lá e presenteou o time com um jogo completo de uniforme e uma placa de prata, como homenagem ao esforço que os garotos têm despendido.

Os jogos Regionais — competição poliesportiva entre várias cidades do Interior paulista — que serão realizados em julho, aqui em Guarulhos, estão seriamente ameaçados de se tornarem um grande fiasco. Isto porque até agora, a Câmara Municipal não aprovou uma suplementação de verba de Cr\$ 1.500.000,00 (o equivalente a 23.400 quilos de café ou 26 carros Volks-1300) para sua realização.

O problema, porém, parece vir de longe, desde que o atual secretário da Educação, Milton Ziller, retirou os vereadores Edson David e Kan Kise da direção da Comissão Municipal de Esportes, que faz parte de sua secretaria. Alguns vereadores, entre os quais se destacam Edson David e Kan Kise, afirmam que nem mesmo com 5 milhões de suplementação de verba, vai ser possível organizar os Jogos, dada a incompetência com que o secretário Milton Ziller vem orientando a política diretiva da Comissão Municipal de Esportes.

Uma pedra no sapato do presidente da Liga Guarulhense de Futebol, Antonio Soares de Oliveira, tem sido a atuação da advogada Suzana Maria Pereira, presidenta do Ponto de Encontro e que vem mexendo com o futebol da várzea local. Suzana também apresentava o Ponto de Encontro com o nome de Liga Guarulhense, mas Antonio Soares proibiu a utilização da denominação de sua entidade.

«Madrinha» ou «Doutora», como costuma ser chamada, Suzana vem organizando jogos entre as equipes de várzea, pregando como filosofia que «o esporte é união e que há necessidade de luta por um ideal». Prega também a luta pela formação de uma associação (Liga) esportiva livre, independente, que dê força a todos. Mas tudo isso é contestado por Antonio que assim define a «nova líder de futebol de Guarulhos»

«Uma doutora dividindo o futebol local. Plantando coisas que nunca vai colher. Mais um ano e vamos ver se essa pessoa estará com a mesma ideia».



Vontade de jogar não falta, falta lugar.

Sem locais adequados e com pouco dinheiro para promover campeonatos que permitam a renovação dos quadros de atletas, a Liga Guarulhense vai se esvaziando e o futebol local vai se enfraquecendo cada vez mais.

O REPÓRTER



esportivo

ANO II, n° 4 — Maio de 1978

Preço: Cr\$ 2.00

Nosso futebol morre por falta de campo

Muito breve o estádio municipal Fioravante Iervolino deve desaparecer por causa das obras de duplicação da via Dutra. O problema não seria muito grande se a cidade não sofresse de uma aguda falta de campos esportivos, para atender a uns 200 clubes, dos quais só 40 são filiados à Liga Guarulhense de Futebol e apenas a metade em situação regular.

«Se todos eles (os 40) exigissem um calendário para o ano inteiro, nós não teríamos condições de arcar com as despesas», queixa-se o presidente da Liga, Antonio

Soares, para quem a falta de campos é um problema crucial, que inclusive contribui para que a entidade que preside esteja «morrendo».

LEI

«Nós não temos meios de apoiar, de dar condições ao pessoal novo, para que haja uma renovação dos atletas, criando programações desde o infantil até os veteranos. Muitos nos dizem que nós temos meios de fazer esses clubes todos se filiarem. Bastava cumprir a lei, que diz a Liga deve apreender o material dos clubes até que esses tenham sua situação legalizada. Mas nós achamos que não é correto

conseguir isso pela força. Se nós oferecéssemos condições materiais, sem dúvida eles já estariam filiados».

Antonio Soares lembrou, para se ter uma ideia da situação, que «a Liga não fechou por muito pouco; na última eleição não havia ninguém disposto a dar continuidade à nossa luta. São quatro ou cinco pessoas lutando para organizar o futebol num lugar onde existem 400 mil pessoas».

SOLUÇÃO

E qual a solução para que o futebol sobreviva? Segundo Antonio Soares, «é a construção de praças

de esporte, nós precisamos primeiramente de praças de esportes; depois de praças de esporte nós precisamos de uma verba um pouco maior».

Como exemplo a ser seguido, Antonio Soares cita Santo André, onde nos estádios, «muito bons», daquela cidade «não se cobra nada de ninguém, porque eles, lá, entendem que é uma necessidade do município, que é um patrimônio do Município». Mas «aqui, em Guarulhos, parece que entendem o contrário: querem fazer um patrimônio, mas para o clube, não para o município».

O futebol depende dela

Mesmo enfrentando dificuldades e pouco de concreto realizando, a Liga é a única entidade que pode defender o futebol da cidade. Isto porque, ela é a voz da Federação Paulista de Futebol. Segue as determinações, os regulamentos, as leis da FPF.

Muitos julgam a Liga pequenina demais, sem força, mas esse julgamento é falho. A atuação da Liga depende exclusivamente do apoio dos clubes e da Prefeitura Municipal. Somente dessa forma, com recursos suficientes, o trabalho da Liga será produtivo. Criticar apenas não basta.

TUDO PARA O LAR



Ferramentas em oferta

(louças, alumínio, plásticos, ferragens, brinquedos)

PRESENTES

PARA O DIA DAS MÃES

Rua D. Pedro II, 61 — Fone: 209 0061 — Guarulhos